Da minha janela vejo mais do que uma paisagem. Vejo o tempo passar.

O cenário parece repetir-se todos os dias, mas nunca regressa exatamente da mesma maneira. Há manhãs em que o céu se abre e o horizonte parece próximo; noutras, as nuvens descem e escondem aquilo que julgávamos conhecer. As casas permanecem, as estradas continuam no mesmo lugar e as árvores resistem ao vento, mas mudam a luz, as pessoas e os movimentos. Muda também quem observa. Talvez por isso uma janela seja muito mais do que uma abertura numa parede. É um lugar privilegiado para perceber que a sociedade se transforma, muitas vezes, sem fazer barulho.

Quem olha rapidamente vê carros, edifícios e pessoas que passam. Quem permanece mais algum tempo começa a encontrar histórias. Há quem saia cedo para trabalhar e quem regresse quando o dia já terminou. Há crianças a caminho da escola, jovens que imaginam o futuro, famílias que organizam a vida entre horários e responsabilidades e pessoas idosas que observam a rua como uma forma de continuarem ligadas ao mundo. A mesma paisagem contém diferentes idades, necessidades e expectativas.

É neste ponto que observar deixa de ser apenas contemplar.

Em sociedades progressivamente envelhecidas, a possibilidade de participar na comunidade assume uma importância crescente. A World Social Report 2025, das Nações Unidas (United Nations Department of Economic and Social Affairs [UN DESA], 2025), chama a atenção para a insegurança, a desigualdade e a erosão da confiança social que atravessam muitas sociedades contemporâneas. Estes problemas recordam-nos que o desenvolvimento não significa apenas aumentar a riqueza. Importa compreender quem participa nesta prosperidade, quem permanece à margem e quem deixou de acreditar que as instituições conseguem responder às suas necessidades.

Da minha janela, esta discussão deixa de ser abstrata.

Penso na pessoa idosa que vive sozinha e cuja relação quotidiana com o exterior pode resumir-se, em determinados dias, ao movimento que observa na rua. Podemos ter serviços públicos digitalizados, aplicações eficientes e cidades tecnologicamente avançadas, mas nenhuma plataforma substitui completamente a presença humana. Uma sociedade pode tornar-se mais eficiente e, simultaneamente, mais distante. A verdadeira inovação deveria impedir que estas duas trajetórias se confundissem.

A Organização Mundial da Saúde (World Health Organization [WHO], 2025) continua a colocar a conexão social no centro da discussão sobre saúde e bem-estar, salientando que a solidão e o isolamento social constituem desafios relevantes para indivíduos e comunidades. Esta perspetiva é particularmente importante quando pensamos no envelhecimento. Viver mais anos constitui uma das grandes conquistas das sociedades contemporâneas; garantir que estes anos sejam vividos com participação, dignidade e relações significativas é o desafio que acompanha esta conquista.

Mas da minha janela vejo também quem parte.

Numa ilha, partir possui um significado particular. O aeroporto e o porto não são apenas infraestruturas: são lugares de encontros, despedidas, regressos e possibilidades. Muitos jovens crescem sabendo que algumas oportunidades poderão exigir atravessar o mar. Uns partem para estudar, outros para trabalhar, outros simplesmente porque desejam descobrir se existe um lugar diferente onde possam construir aquilo que imaginaram para si.

O World Youth Report 2025 (UN DESA, 2025) reforça precisamente a importância de considerar os jovens como participantes ativos na construção do futuro e não apenas como destinatários de políticas. Educação, emprego, participação e oportunidades reais condicionam a forma como uma geração consegue projetar a sua vida. Para territórios insulares, esta questão torna-se particularmente sensível: não basta formar pessoas; é necessário criar condições para que ficar seja uma possibilidade e regressar possa também ser uma escolha.

Porque uma ilha não perde apenas população quando alguém parte definitivamente. Pode perder conhecimento, iniciativa, relações, capacidade empreendedora e possibilidades que ainda não chegaram a nascer.

Ao mesmo tempo, partir não deve ser visto como fracasso. A mobilidade permite aprender, conhecer outros contextos e adquirir competências. O verdadeiro desafio consiste em construir pontes que mantenham as pessoas ligadas ao território, mesmo quando vivem temporariamente longe dele. Uma sociedade aberta não precisa de impedir que os seus jovens partam; precisa de ser suficientemente dinâmica para que eles possam imaginar regressar.

Talvez seja por isto que o mar nos ensine simultaneamente o valor das raízes e a

necessidade do horizonte.

Da minha janela vejo também edifícios novos, estradas melhoradas, equipamentos e sinais visíveis de investimento. Tudo isto é importante. Uma sociedade necessita de infraestruturas, empresas produtivas, emprego, serviços públicos eficientes e contas sustentáveis. O erro começa quando confundimos os instrumentos do desenvolvimento com o próprio desenvolvimento.

O relatório das Nações Unidas sobre desenvolvimento social de 2025 insiste numa ideia particularmente pertinente: crescimento económico, por si só, não garante coesão, confiança ou segurança. Quando as pessoas sentem que as oportunidades estão distribuídas de forma desigual ou que o futuro tornou-se excessivamente incerto, os bons indicadores macroeconómicos podem coexistir com um profundo sentimento de vulnerabilidade (UN DESA, 2025).

Por isto, talvez devêssemos aprender a fazer perguntas diferentes.

Não apenas: quanto crescemos?

Mas também: quem cresceu connosco?

Quantas pessoas encontraram oportunidades? Quantos jovens conseguem imaginar um futuro no território? Quantos idosos vivem acompanhados? Quantas famílias conseguem conciliar trabalho e vida pessoal? Quantas pessoas conseguem aceder aos serviços que teoricamente foram criados para todos?

Os números são indispensáveis, mas precisam de contexto. Uma média pode melhorar enquanto determinadas pessoas ficam para trás. Uma estatística pode indicar progresso sem revelar a solidão existente atrás de uma porta fechada.

É aqui que a janela se transforma numa metáfora para a própria governação.

Governar bem exige capacidade de olhar para além das médias. Gerir uma organização implica perceber aquilo que os indicadores não conseguem explicar. Cuidar significa reparar em alterações que podem parecer pequenas. E inovar começa frequentemente pela identificação de uma necessidade que outros ainda não observaram.

Antes de mudar uma realidade, é necessário vê-la.

Esta ideia torna-se ainda mais importante numa época marcada pela inteligência artificial e pela transformação digital. Em 2026, algoritmos conseguem analisar enormes quantidades de informação, reconhecer padrões, apoiar decisões e automatizar tarefas que anteriormente exigiam muitas horas de trabalho humano. Estas capacidades podem melhorar serviços, aumentar produtividade e libertar pessoas de atividades repetitivas.

Mas a tecnologia coloca-nos perante uma pergunta antiga: para que serve o progresso?

O Global Risks Report 2026, do World Economic Forum (2026), mostra como os riscos tecnológicos coexistem com fragmentação social, desigualdades e incerteza económica. A transformação digital, portanto, não ocorre num vazio. A tecnologia entra em sociedades onde já existem diferenças de rendimento, idade, educação, literacia e acesso.

Uma aplicação pode simplificar extraordinariamente um serviço para milhares de pessoas e torná-lo mais difícil para alguém que não possui competências digitais. Um sistema de inteligência artificial pode acelerar decisões, mas não elimina a responsabilidade humana sobre as consequências destas decisões. Digitalizar não significa simplesmente transferir procedimentos para um ecrã; significa redesenhar serviços sem esquecer quem poderá ter dificuldade em atravessar esta nova porta.

Porque não faria sentido construirmos cidades inteligentes habitadas por pessoas cada vez mais invisíveis.

O desenvolvimento verdadeiramente inteligente talvez seja aquele que utiliza a tecnologia para aproximar e não para afastar. Uma ferramenta digital pode ajudar a identificar situações de vulnerabilidade, melhorar respostas sociais, facilitar cuidados de saúde ou aproximar cidadãos das instituições. A inovação adquire valor quando resolve problemas humanos concretos.

E é aqui que volto à minha janela.

As árvores continuam a mover-se com o vento. Os carros continuam a passar. Alguém sai de casa enquanto outra pessoa regressa. Talvez um jovem esteja a preparar a mala para partir. Talvez alguém esteja finalmente a regressar. Talvez, atrás de uma das janelas que consigo ver, exista uma pessoa à espera de uma visita que ainda não chegou.

Nenhuma estatística me permite conhecer todas estas histórias. Mas são estas histórias que

dão significado às estatísticas.

Uma sociedade desenvolvida não é aquela em que ninguém enfrenta dificuldades; esta sociedade provavelmente nunca existirá. É aquela que consegue reconhecer as dificuldades antes de elas se transformarem em abandono; que cria oportunidades sem esquecer quem necessita de apoio; que utiliza tecnologia sem perder humanidade; que permite partir sem cortar raízes e envelhecer sem desaparecer da vida coletiva.

Em 2026, talvez o nosso maior desafio não seja produzir cada vez mais informação. Nunca tivemos tantos dados, indicadores, sistemas e ferramentas capazes de observar o mundo. O verdadeiro desafio pode ser outro: aprender a reparar naquilo que os dados ainda não conseguem ver.

Uma janela ensina precisamente isso.

Observar exige tempo. Exige curiosidade. Exige disponibilidade para perceber que aquilo que parece igual pode ter mudado. A paisagem transforma-se lentamente, tal como as sociedades. E quando finalmente percebemos uma mudança, ela pode estar a acontecer há muito tempo.

Por isso, governar, gerir, ensinar, cuidar e inovar talvez comecem todos no mesmo lugar: na capacidade de observar antes de decidir.

Da minha janela vejo uma ilha rodeada pelo mar, mas ligada ao mundo. Vejo tradição e mudança, envelhecimento e juventude, partidas e regressos, tecnologia e humanidade. Vejo problemas, mas também possibilidades.

Sobretudo, percebo que o futuro não aparece subitamente no horizonte. Vai sendo construído nas pequenas decisões que tomamos todos os dias sobre quem vemos, quem ouvimos e quem decidimos não deixar para trás.

Amanhã, quando voltar a olhar pela mesma janela, a paisagem parecerá semelhante.

Mas já não será exatamente a mesma.

E talvez eu também não.

Porque, antes de transformar o mundo, precisamos aprender a vê-lo. E, às vezes, tudo

começa simplesmente olhando pela nossa janela.

Referências Bibliográficas

United Nations Department of Economic and Social Affairs. (2025). World social report 2025: A new policy consensus to accelerate social progress. United Nations.

United Nations Department of Economic and Social Affairs. (2025). World youth report 2025: Youth mental health and well-being. United Nations.

World Economic Forum. (2026). The global risks report 2026 (21st ed.). World Economic Forum.

World Health Organization. (2025). From loneliness to social connection: Charting a path to healthier societies. World Health Organization.